

Vinte anos de solidariedade entre sindicatos brasileiros e alemães

ANTÔNIO INÁCIO ANDRIOLI*

“Reorganização social no Brasil e na Alemanha em tempos de globalização” foi o tema do encontro que nos dias 4, 5 e 6 de junho de 2004 reuniu, pela vigésima vez, brasileiros e alemães na academia social da Igreja Evangélica, em Friedewald, para discutir as perspectivas da solidariedade e da cooperação sindical entre os dois países. São homens e mulheres da indústria química e metalúrgica, sindicalistas, representantes de conselhos de fábrica, de organizações religiosas e de ONGs, sem-terras, estudantes e jovens, que fazem deste encontro anual – promovido pelo setor de formação da central sindical alemã DGB e pelas academias da Igreja Evangélica da Alemanha – um espaço de intercâmbio de experiências e de aprendizado mútuo.

Tudo começou no outono de 1984, quando sindicalistas brasileiros da Volkswagen, Mercedes e General Motors vieram conhecer as condições de vida e de trabalho das respectivas firmas na Alemanha e puderam entrar em contato com seus colegas sindicalistas alemães. De lá para cá muita coisa aconteceu: a luta conjunta contra as demissões através da pressão às

empresas no seu país de origem; as primeiras comissões de fábrica no Brasil; as redes multilaterais dos trabalhadores na área metalúrgica, química e siderúrgica; o Fórum Carajás, que trouxe à opinião pública as consequências do minério de ferro e do comércio de matéria prima aos seres humanos e ao meio ambiente; o apoio à construção da Escola Sul da CUT; a organização do Observatório Social, que exige a manutenção internacional dos direitos trabalhistas; o envolvimento com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; o encontro com a experiência do Orçamento Participativo de Porto Alegre e a participação no Fórum Social Mundial.

Desta vez, estiveram presentes figuras históricas como Vicente Paulo da Silva (Vicentinho), ex-Presidente da Central Única dos Trabalhadores, mas, ao mesmo tempo, uma grande delegação do intercâmbio internacional de jovens sindicalistas. Se, por um lado, houve muito a comemorar, por outro, muitos expressaram suas preocupações com os rumos do governo Lula. A “globalização da insegurança” – como o professor Elmar Altvater caracterizou a crescente



* ANTONIO INÁCIO ANDRIOLI é doutorando em Ciências Sociais na Universidade de Osnabrück – Alemanha.

informalização do trabalho em sua fala – se intensificou no governo Lula em função da continuidade da política econômica conservadora. A tentativa de estimular o equilíbrio fiscal com vistas ao pagamento de juros da dívida e, ao mesmo tempo, querer implementar programas sociais, não teria dado certo, o que exigiria uma mudança de rumos do governo. Se a eleição de Lula despertou enormes esperanças de mudanças sociais e políticas no país e se teve o apoio de inúmeros movimentos sociais, é exatamente agora o momento decisivo de apoio à formação e à organização da sociedade civil. Um grande desafio é a cooperação com grupos socialmente excluídos, pois, neste caso, nem sempre

há uma organização parceira disponível. Nesta perspectiva, a experiência de cooperação com o MST é um bom exemplo do qual as organizações alemãs têm muito a aprender. Nos tempos da globalização neoliberal, onde as ações das multinacionais acontecem em nível internacional, a cooperação sindical adquire um significado especial. Como o Brasil é um dos mais importantes territórios em termos de expansão internacional de empresas alemãs, uma efetiva resistência e pressão por parte dos trabalhadores pode ser fortalecida pela solidariedade entre trabalhadores dos dois países. Os vinte anos de experiência comprovaram isso. Portanto, vamos continuar neste caminho.